

MULHERES NEGRAS QUILOMBOLAS E A ARTE DE EDUCAR E NARRAR SUAS HISTÓRIAS¹

BLACK QUILOMBOLA WOMEN AND THE ART OF EDUCATION AND TELLING THEIR STORIES

Driellen Barroso Coutinho ⁱ

Gilcilene Dias da Costa ⁱⁱ

RESUMO: O texto aborda a arte de educar e narrar de mulheres negras quilombolas, tecendo cruzamentos entre educação, gênero e raça. Objetiva dialogar sobre as vivências, saberes, cantos, danças e resistências de mulheres negras, tendo como *lócus* um território afrodescendente da comunidade quilombola de Nova América, situado nas mediações de Cametá e Oeiras do Pará, historicamente invisibilizado pela sociedade e poder público. Realizou-se uma pesquisa-intervenção participante e narrativa, com base nos Estudos Culturais em Educação e no Feminismo Negro Interseccional. Os resultados apresentam as vozes de mulheres negras da comunidade em suas artes de existir/resistir, na luta por uma educação antirracista e antissexista.

Palavras-chave: Educação. Cultura. Gênero. Raça. Mulheres negras quilombolas.

ABSTRACT: The text addresses the art of educating and narrating by black quilombola women, weaving intersections between education, gender and race. It aims to discuss the experiences, knowledge, songs, dances and resistance of black women, having as its locus an Afro-descendant territory of the quilombola community of Nova América, located in the vicinity of Cametá and Oeiras do Pará, historically made invisible by society and public authorities. A participatory and narrative intervention research was carried out, based on Cultural Studies in Education and Intersectional Black Feminism. The results present the black women's voices from the community

¹ Texto elaborado como recorte da Dissertação de Mestrado da autora, com orientação da coautora.

in their arts of existing/resisting, in the fight for anti-racist and anti-sexist education.

Keywords: Education. Culture. Gender. Race. Black quilombola women.

1 INICIANDO A CONVERSA

Neste texto teceremos relações mais alargadas entre os estudos da educação, gênero e raça, com destaque para as vozes de mulheres negras de um território afrodescendente da comunidade quilombola de Nova América, situado nas mediações de Cametá e Oeiras do Pará, da qual uma das autoras deste estudo faz parte.

A pesquisa integra a linha de pesquisa Culturas e Linguagens do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura da Universidade Federal do Pará, Campus de Cametá, nos anos de 2022 a 2025, no intuito de cartografar as vivências, saberes, cantos, danças e resistências de mulheres negras quilombolas, buscando ouvir e conhecer suas narrativas de vida e suas artes de existir/resistir, na luta por uma educação antirracista e antissexista.

Assumimos a narrativa de vida, particularizando a narrativa escrita e a oralidade de mulheres negras quilombolas, como bases para os materiais de registro de vida e para as dinâmicas educativas dessas mulheres, com possibilidade de (re)inventar-se e reconhecer-se protagonistas de suas ações no tempo de hoje. Em vista disso, delineamos como Objetivo Geral para o presente estudo: cartografar os elementos da arte de viver, cantar, narrar, dançar que perpassam a condição da mulher negra quilombola, pensada/narrada por ela mesma. Os Objetivos Específicos possuem a intenção de: mapear os espaços quilombolas, com o intuito de conhecer a memória do cotidiano de mulheres negras, através dos relatos das pioneiras que tecem suas trajetórias carregadas de luta, resistência e ousadia no quilombo; propor-realizar atividades experimentais dançantes em espaços escolares e fora deles, como o grupo de dança ARQUINA e o grupo samba de cacete “Raízes Negras”; e por fim, produzir um documentário com as vozes negras, com os aspectos do cotidiano de alunas da EJA e as vozes de mulheres negras do grupo de dança “Raízes do quilombo”.

A problemática de estudo consiste nas seguintes indagações: como ocorrem os arranjos do poder patriarcal e as formas de resistências das mulheres negras nas artes de viver, cantar, dançar e narrar suas existências na comunidade quilombola de Nova América, Oeiras do Pará? Que desconstruções inventivas as vozes de mulheres negras e suas artes de viver provocam ao corpo, à dança, à educação? Como potencializar as narrativas e resistências da mulher negra quilombola face à subversão aos padrões de gênero na comunidade? Como a educação escolar quilombola pode transformar a vida de mulheres negras excluídas desses processos na comunidade?

Este estudo acadêmico, de caráter narrativo, apoia-se na perspectiva dos Estudos Culturais em Educação (Ana Carolina Escosteguy, Marisa Costa, Rosa Silveira, Luiz Henrique Sommer), especialmente nos estudos sobre a Interseccionalidade (Carla Akotirene) em educação, gênero e raça, seus desdobramentos com a arte e a cultura de mulheres negras quilombolas, entendendo as narrativas ou histórias de vida das mulheres negras colaboradoras da pesquisa pelo viés do Feminismo Negro

(bell hooks, Patricia Collins, Angela Davis). Segundo Collins (2019), falar a partir de vivências e narrativas das vozes femininas ajuda a entender as condições sociais que a constituem, os grupos dos quais fazem parte, refletem o lócus social e não apenas a experiência individual.

Os estudos teóricos auxiliaram na abordagem conceitual, analítica e na construção de uma cartografia social e cultural da mulher negra quilombola, no entrelaçar de vozes de mulheres negras intelectuais e da comunidade. A eclosão dos estudos feministas e do feminismo negro permitiu compreender a condição de existência das mulheres na sociedade, sobretudo as mulheres negras quilombolas da comunidade pesquisada, ressaltando o potencial transformador desses estudos enquanto mecanismo de saída da invisibilidade da mulher, do questionamento do racismo e da não aceitação da submissão patriarcal.

Em relação ao percurso teórico-metodológico do presente estudo, contamos com a Cartografia dos Estudos Culturais em Educação, no viés social e cultural, articulada aos aspectos da visibilidade de mulheres negras na educação, oportunizada por intelectuais do Feminismo Negro Interseccional. A metodologia realizou-se por meio de uma pesquisa-intervenção participante e narrativa, onde entrevistamos mulheres negras e lideranças da comunidade, no intuito de conhecer suas histórias de vida e a própria história do quilombo. As interlocutoras são agentes sociais de dentro dos espaços cartografados e experimentados na comunidade, que foram propostos para o presente estudo. Portanto, no recorte do presente texto, foram entrevistadas 04 (quatro) mulheres negras da comunidade, e cartografados espaços da escola quilombola, centros comunitários e dois grupos de dança. Para a realização de todos esses passos da pesquisa (nos anos de 2022 a 2024), obtivemos o devido consentimento dos participantes e lideranças da comunidade, tendo em vista a confiabilidade na pesquisadora, que também é moradora da comunidade pesquisada.

Utilizou-se o critério das deusas africanas, com base na perspectiva de Grada Kilomba (2019), para nomear as vozes de mulheres negras colaboradoras da pesquisa, levando-se em conta a livre concordância em compartilhar memórias e experiências de vida.

Os resultados e discussões apresentam um potencial transformador para os caminhos de uma educação antirracista e antissexista, problematizam as raízes do racismo e do patriarcado, abrindo espaços para as vozes de mulheres negras quilombolas narrarem suas histórias de vida, lutas e desafios cotidianos, anseios por educação e liberdade. E assim temos uma pesquisa-intervenção tecida por vozes de mulheres negras, um olhar atento e perceptivo de quem está presente na sociedade, porém, sempre invisibilizada: a mulher negra quilombola. Um estudo que enaltece a mulher negra quilombola, com sua cultura e saberes ancestrais, cantos e danças, a inventividade da arte quilombola, os processos educativos e os desafios da vida cotidiana na comunidade quilombola de Nova América, Oeiras do Pará.

Entre o pulsar das vozes, do dançar, entre os movimentos do conhecimento, da vivência, da poesia e da ciência, apresentamos este estudo. Não é fácil dizer quando começa. Acreditamos que, neste momento, é importante refletir sobre a seguinte pergunta: como ocorrem os arranjos do poder patriarcal e as formas de resistências das mulheres negras nas artes de viver, cantar, dançar e narrar suas existências na comunidade quilombola de Nova América, Oeiras do Pará?

Na tentativa de expressar indagações e posições pela escrita, temos a sensação de que não podemos alcançar muitas respostas, mas podemos exercer a fala e a escuta por meio da palavra para expressar o mundo que habitamos, vivemos, pertencemos, e assim seguimos neste caminho de escritas das vozes de mulheres negras. Desse modo, apresentaremos nos tópicos a seguir os processos e procedimentos de construção teórico-metodológica da pesquisa, tendo por base a cartografia cultural e o feminismo negro, e apresentaremos as mulheres negras da comunidade quilombola em seus processos de luta e artes de existir/resistir.

2 ITINERÁRIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Nos primeiros pensares da pesquisa, tinha-se o princípio de mapear as práticas da juventude negra feminina no seu cotidiano que faziam parte das ações que o grupo de dança ARQUINA (Associação Remanescente Quilombola de Nova América) estava produzindo, até porque foi a partir das observações extraídas desses encontros que surgiu o interesse desse novo recorte de estudo. Assim, o primeiro passo foi reunir com a juventude negra feminina através de rodas de conversas, os critérios utilizados para tanto foram: a união dessas jovens negras para uma apresentação da padroeira da comunidade: Nossa Senhora Imaculada Conceição, celebrada no dia 10 de dezembro, momento este em que todos os membros da comunidade se fazem presentes.

Sobre os processos de produção de narrativa, bell hooks (2019) sugere a proposta de “teorizar a experiência de ser negra”. Ao assumir este posicionamento na escrita deste trabalho, tenta-se fugir da falácia de que muitas pessoas negras são convencidas de que suas trajetórias de vida não são complexas, nem importantes e, portanto, não são dignas de tornarem-se foco de pesquisa. Em face das dores e confrontos que atravessam suas vidas, muitos consideram que é difícil falar sobre as experiências da negritude, em decorrência disso, a presente escrita retrata elementos das vozes de mulheres negras, estas que relatam seu cotidiano. Nesse viés, portanto, o aspecto teórico-metodológico apresenta as movimentações iniciais e composições que se referem ao que foi produzido-realizado durante o processo de construção do estudo para ser exposto como se fosse um experimento de Cartografia dos Estudos Culturais, ressaltando assim, as vozes negras de mulheres no viés de acepções que englobassem o dizer delas.

Tal esforço de expandir o poder feminismo negro decorre de resultados de tantas lutas e resistências que trouxeram à cena social a presença da mulher como ser político e cultural com seus projetos de liberdade, autorias próprias, mudanças e transformações coletivas, como o grupo de dança intitulado Samba de Cacete de Vila Costeira, nas mediações da comunidade de Nova América. Nesse entremeio, propõe-se acionar mecanismos coletivos de poder e resistência de mulheres negras quilombolas em seus processos socioeducativos, a fim de narrar-se e reinventar-se como seres políticos através de relatos que culminam em sua saída da invisibilidade e potencialidades dessas falas. Mulheres, em geral, que viveram/vivem sendo privadas de seus direitos e liberdades, portanto, como já dito anteriormente, as mulheres foram e são historicamente silenciadas.

Diante do exposto, busca-se na obra de Grada Kilomba (2019) o aporte teórico necessário para pensar o lugar da narrativa de si e, por conseguinte, aliar às dimensões das histórias de vida das

mulheres negras da comunidade quilombola. A autora afirma a importância de narrar sua própria história e assumir o agir negro em meio a história hegemônica, tão repetida e opressora. Traz ainda a proposta de “fazer uma oposição absoluta ao que o projeto colonial predeterminou” (Grada Kilomba, 2019, p. 19). Apoiado nesta metodologia narrativa partimos para a pesquisa-intervenção de inserir mulheres negras no espaço escolar, na arte e na cultura, com o intuito de dar visibilidade aos saberes e às vozes negras a partir das potências artísticas e transformadoras na vida de cada uma delas, promovendo assim, uma educação emancipadora, democrática e antirracista. Questionamentos surgiram a respeito disso e enfatizam que os diferentes discursos deturpam a realidade vivida pelas mulheres negras:

As mulheres negras foram assim postas em vários discursos que deturpam nossa própria realidade: um debate sobre o racismo onde (sic) o sujeito é homem negro; um discurso de gênero onde (sic) o sujeito é a mulher branca; e um discurso sobre a classe onde (sic) “raça” não tem lugar. Nós ocupamos um lugar muito crítico, em teoria (Grada Kilomba, 2019, p. 56).

A mulher quilombola passa por essa condição interseccional, pois a violência sofrida é intensificada, marcada não apenas pela desigualdade social do ser mulher, negra e pobre, mas também pelo abandono do Estado frente às suas necessidades básicas e dignidade humana, por isso, as mulheres negras enfrentam tipos específicos de violências, além da violência doméstica.

Grada Kilomba destaca uma questão importante que ajuda a pensar a respeito das vozes negras dessas mulheres, ao dizer que:

É extremamente importante ter essa perspectiva (auto)biográfica [SIC] ao trabalhar com o fenômeno do racismo, porque a experiência do racismo não é algo momentâneo ou pontual, é uma experiência contínua que atravessa a (auto) [SIC] biografia do indivíduo, uma experiência que envolve uma memória histórica de opressão racial, escravização e colonização (Grada Kilomba, 2019, p. 85).

A abordagem da narrativa das mulheres negras possibilita não só a problematização das experiências de enfrentamento ao racismo, mas a compreensão de como essas mulheres criam suas ideias sobre a realidade racial em suas vidas, possibilitando, assim, a reconstrução das experiências negras no próprio racismo e patriarcado. A decisão sobre o que é relevante e o que irá compor as vozes das mulheres deu-se baseada nos elementos que desencadeiam discussões a respeito do racismo e das categorias sociais que atravessam as relações de saber-poder.

No que se refere aos Estudos Culturais, estes surgiram, originalmente, na Inglaterra, porém, contemporaneamente, configura-se num fenômeno internacional (Escosteguy, 1998; Oliveira, 1999; Mattelart; Neveu, 2004). Apesar dessa descentralização geográfica dos Estudos Culturais, não há um conceito fixo que opere de forma semelhante em todos os territórios, pelo contrário, criou-se uma multiplicidade teórica. O contexto histórico britânico dos Estudos Culturais delineia seu surgimento,

pois abrange o Campus acadêmico – propondo a interdisciplinaridade para estudar cultura e política – devido aos vários movimentos sociais da época.

Com um viés metodológico interdisciplinar, os Estudos Culturais buscam também compreender, nas sociedades industriais contemporâneas e em suas inter-relações de poder, como a atuação da cultura nas mais diversas áreas temáticas: gênero, feminismo, identidades nacionais e culturais, políticas de identidade, pós-colonialismo, cultura popular, discurso, textos e textualidades, meios de comunicação de massa, pós-modernidade, multiculturalismo e globalização, entre outros, como nos elementos pesquisados na comunidade de Nova América e Vila Costeira.

A cultura, assim, rompe com a identificação de objeto e elementos da implicação da noção de cultura como prática de mulheres negras, no sentido de atuante na produção de significados, potências, cruzamentos, ou seja, inclui todas as formas constitutivas de uma formação cultural da vida e das práticas culturais do quilombo de Nova América. Nesse sentido, segundo Hall (1997), a cultura

[...] não pode mais ser estudada como uma variável sem importância, secundária e dependente em relação ao que faz o mundo mover-se; tem de ser vista como algo fundamental, constitutivo, determinando tanto a forma como o caráter deste movimento, bem como a sua vida interior (Hall, 1997, p. 06).

Este estudo acadêmico, de caráter interventivo, apoia-se na perspectiva dos Estudos Culturais em Educação, especialmente, os estudos da cartografia das mulheres negras quilombolas, entendendo as narrativas e as histórias de vida das vozes negras, narradoras da eclosão dos estudos feministas, propondo a necessidade da construção de memórias deste movimento, registros históricos e um acompanhar dos sujeitos que marcaram o surgimento e a evolução do pensamento feminista.

Podendo assim conhecer como as mulheres negras têm transformado o mundo e transformado a si mesmas com o passar do tempo, ao usar da formação escolar, envolvendo a arte como mecanismo de saída da invisibilidade sobre a importância de pensar o gênero articulado ao pertencimento racial, apontando que racismo e sexismo devem ser trabalhados juntos, “[...] tanto para a definição de políticas contra as discriminações sociais, como a própria redefinição do conceito da ação para a cidadania” (Ribeiro, 2017, p. 21).

Assim sendo, esta pesquisa assume uma abordagem metodológica – as costuras das vozes negras de mulheres quilombolas que apostam em vivências, letras musicais, arte, cultura e processos educativos realizados na comunidade estudada. Trata-se da coragem de propor outros modos de pesquisar na Academia. Só assim poderá ser possível pensar a realidade de modo crítico, para então transformá-la. Narrar a própria trajetória, seus cotidianos, fazendo uma análise interseccional sobre os elementos que constituem esta pesquisa.

As técnicas utilizadas para a produção da pesquisa-intervenção foram a observação participante, a entrevista e as conversas individuais (relatos orais). É necessário mencionar que, por meio das narrativas buscou-se ressaltar os saberes culturais das mulheres negras, juntamente com os processos educativos destas manifestações artísticas através das vozes negras. Outro importante

encontro foi um artigo de Lélia Gonzalez no livro “O lugar da mulher”, publicado em 1982. A autora centra sua análise no fato de que, em não se dando atenção à questão racial, demarca-se a cumplicidade das mulheres brancas para com a dominação das mulheres negras; assim, detendo-se apenas nas categorias gênero e classe, os estudos sobre mulheres brasileiras contribuem para a naturalização das desigualdades raciais. Para González (1982), as mulheres negras são vítimas de uma tripla opressão: raça, gênero e classe social.

Apoiado nesta metodologia de pesquisa-intervenção-cartográfica, partiu-se ao encontro de mulheres negras da comunidade, no espaço escolar, na arte e na cultura, com o intuito de escutar as vozes negras a partir das potências artísticas e transformadoras na vida de cada uma delas, promovendo assim, uma educação emancipadora, democrática e antirracista. No contexto da presente pesquisa, as narrativas de mulheres negras que ultrapassam décadas resistindo ao patriarcado e ao machismo, precisam ser documentadas e ouvidas, para entendermos quais formas buscaram a Educação para contrapor as mazelas sociais pré-existentes em seus locais de vivências, visto que são fatores que elencam a visibilidade destas, à medida que muitas estão buscando o acesso à educação.

A partir disso, utilizou-se o critério das “deusas africanas”, com base na perspectiva de Grada Kilomba (2019), para nomear as vozes de mulheres negras da pesquisa, buscando conectar a educação, a arte e a cultura, a fim de ressaltar a relevância dos diferentes modos de resistências em meio aos pré-conceitos estabelecidos, com a intenção de desmistificá-los, como também, buscou-se identificar as singularidades das mulheres entrevistadas às deusas africanas, abordando perspectivas entrelaçadas ao feminismo, sendo este um dos critérios de seleção da pesquisa e, principalmente, que tivessem interesse em compartilhar suas memórias e experiências de vida.

Dentre esses aspectos, foram selecionadas para a pesquisa de mestrado 8 (oito) participantes: mulheres no município de Oeiras do Pará, com idades entre 22 e 57 anos, todas tiveram acesso à educação escolar, porém, devido às dificuldades enfrentadas, não deram continuidade aos estudos, é o caso das alunas do EJA. E para este artigo, selecionamos 4 (quatro) entrevistadas, conforme apresentaremos e um dos itens dos resultados deste estudo.

Antes de traçar os perfis de convidadas para a pesquisa é importante ressaltar que suas identidades foram preservadas e aqui neste estudo todas puderam escolher uma deusa africana que se identificassem para serem nomeadas. A primeira convidada a participar da pesquisa foi a Ísis. Essa moça se autodenomina forte para enfrentar todas as adversidades, apesar de seus receios devido às muitas situações que vivenciou em seu seio familiar (visão da pesquisadora). A segunda convidada, Oxum, desde muito jovem busca independência, conseguiu estudar e aprendeu a ser uma aluna dedicada, conhece a Língua Portuguesa superficialmente. A terceira convidada, Iansã, sempre teve auxílio familiar, é muito independente afetiva e financeiramente, viaja bastante, participa ativamente dos encontros de mulheres da comunidade. A quarta convidada, Ala, tem origem e vivência no município de Oeiras do Pará, se intitula como uma mulher sem rótulos, com uma autoestima efervescente. A quinta convidada, Sekhmet é aluna do EJA, atualmente, vive em seio familiar, e se considera uma pessoa bastante feliz, apesar de enfrentar muitas dificuldades dentro de casa, como violência de seu parceiro. A sexta convidada, Bast, uma das mais potentes vozes que tivemos o contato, tem autoridade, com uma personalidade de mulher quilombola, trabalha e estuda em busca de melhoria de vida para ela e sua família. A sétima convidada, Lemanjá, estudante do EJA, mãe, encara

com audácia os objetivos da vida, uma delas é dentro de casa, lidera e lida com as obrigações da casa. A oitava convidada, Hator, é denominada de alegria, da beleza africana, mãe, luta pelos seus objetivos diariamente.

É preciso ratificar que é a hora de os estudos feministas aterem-se na construção de narrativas de vidas de mulheres negras que por tanto tempo são silenciadas, excluídas e violentadas, pois, sabe-se que elas têm muito a contribuir nas discussões dos cruzamentos das diferenças na esfera socioeducacional.

No caso das mulheres negras, principal foco deste trabalho, estas são duplamente silenciadas e invisibilizadas, tanto pela opressão histórica do patriarcado quanto pela imposição da cultura racista que permeia a marginalização do quilombo de Nova América. “Nós temos sido silenciadas”, como bem pontua Grada Kilomba em *Memórias da Plantação* (2019): “não é de fato que não tenhamos falado, nossas vozes têm sido roubadas de nós e representadas pelo branco, por mulheres brancas. O ato de falar é dialógico, é espontâneo entre quem fala e que ouve”.

Kilomba trabalha com o conceito de “máscara”, ao analisar a pintura de Anastácia com a máscara no rosto, que, segundo Kilomba, recria o projeto de silenciamento e logo de pertencer, uma vez que ser ouvida está atrelado a pertencer. Em virtude disso, este estudo tem por intenção pensar a condição da mulher negra quilombola, a partir de suas próprias narrativas e modos de viver, educar, resistir que se encontraram em uma sala de aula da EJA, das lideranças da comunidade e da juventude negra, considerando inicialmente as perspectivas interseccionais em educação, gênero e raça.

3 MULHERES NEGRAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE NOVA AMÉRICA - OEIRAS DO PARÁ

Colocar a mulher negra no cerne do debate, quando se trata dessa temática, é uma forma de não cair em equívocos, recorrentes em trabalhos sobre o universo feminino: quais formas de resistência, articuladas por mulheres negras, pode-se vislumbrar, quando depararmos com a história das mulheres negras quilombolas? Nesse sentido, pode-se dizer que grande parte da história do povo negro brasileiro colonizado, escravizado, tem suas raízes de resistência na cultura dos quilombos, haja vista que, aludindo aos estudos de Beatriz Nascimento (1985), os quilombos são territórios identitários construídos desde tempos remotos, de tradição eminentemente afrodescendente, que fundam uma cultura quilombola que se faz presente na formação social e coletiva de inúmeras comunidades negras Brasil afora.

É aqui que se deve inserir a comunidade Remanescente do Quilombo de Nova América e a comunidade de Vila Costeira, como produtoras de uma cultura particular, vivenciada no cotidiano de seus habitantes, que historicamente resistem a toda forma de opressão. Em consequência disso, o processo de resistência das comunidades estudadas reflete suas produções culturais forjadas no dia-dia de cada morador, nas fornadas de farinha, rodadas de samba de cacete, danças, narrativas, cantos e lutas constantes dos movimentos sociais das quais são ferrenhos participantes.

No ano de 2022, realizou-se o primeiro contato com a comunidade, para dialogar sobre os direitos e deveres constitucionais que o povo negro precisa e é previsto pela Constituição Federal de 1988. Nesse encontro, juntou-se toda a diretoria da Associação Quilombola de Nova América, para de maneira coletiva ressaltar-se a importância dos projetos capazes de potencializar as demandas da comunidade e as vozes das mulheres do quilombo.

Os sujeitos que estavam no encontro discutiram e pensaram possibilidades que pudessem trazer melhorias sociais para a população quilombola. Como já foi dito anteriormente, neste dia, teve-se o primeiro contato com as mulheres da comunidade, pôde-se também ressaltar a importância de cada fala e de cada uma delas, e a relevância do narrar, dançar e cantar, desenvolvendo assim, o trabalho de acolhimento, afeto e escuta. Com esse viés, entrelaçou-se todos os elementos observados com a cultura ancestral quilombola.

Propôs-se um encontro com as mulheres da comunidade e, partindo desses encontros, almejou-se produzir músicas, ladainhas, escritas e vozes que buscam nas narrativas, “histórias escondidas” (Kilomba, 2019, p. 27). Já que, não somos mulheres negras preocupadas somente com as opressões que nos atingem, pois, “antes de tudo, mergulhamos no cenário de disputas de narrativas para discutir e problematizar os modos de ser e estar no mundo.” (Ribeiro, 2017, p. 51), sendo protagonistas da própria história. A perspectiva do “lugar de fala” ocupa espaços de resistência, pois ajuda a pensar o mundo a partir dos lugares e espaços que vamos produzindo, experimentando e ocupando. (Ribeiro, 2017, p. 53). Juntas produziremos vozes dissonantes, ecos, reverberações, ruídos e essas construções desestabilizam as narrativas hegemônicas expressas em múltiplos espaços, incluindo os da Academia.

Para bell hooks (2019), o controle sob as mulheres negras foi uma das providências principais no processo de escravização do povo negro, pois quebrar sua identidade e inferiorizá-las era extremamente importante para a manutenção das famílias brancas. Dialogamos com a autora, ao concluirmos que:

As mulheres africanas receberam o choque desta brutalização massiva e aterrorização não apenas porque podiam ser vitimizadas através da sua sexualidade, mas também porque era mais provável que elas fossem trabalhar na intimidade das famílias brancas do que os homens negros. Desde que os escravagistas observaram a mulher negra como uma cozinheira vendável, ama-seca, empregada doméstica, era crucial que ela fosse tão exaustivamente aterrorizada que se submeteria passivamente à vontade do dono branco da dona, e dos seus filhos. Para fazer o seu produto vendável, o escravagista tinha de garantir que nenhuma serva de mulher negra rebelde iria envenenar a família, matar as crianças, incendiar a casa, ou resistir sob qualquer forma (hooks, 2019, p. 17-18).

Em meio a isso, a sociedade brasileira ainda perpassa por muitos cenários de repressão e desumanização, as mulheres negras quilombolas passam por situações de inseguranças, impotências e constrangimentos por acreditarem que, por serem da Zona Rural e não terem casas próprias para se

abrigarem, necessitam realizar trabalhos brutais, para ter o básico que é a alimentação, sem direitos a remuneração pelos seus serviços prestados.

Diante dessas realidades, é importante ressaltar as histórias de vida dessas mulheres negras que possuem diversas fontes passíveis de análises. Após as conversas com o grupo de mulheres, socialmente construídas por momentos de vivências e troca de experiências, de modo holístico e integrado, as mulheres negras quilombolas puderam se expressar, sendo que muitas delas manifestam tristeza e constrangimento ao relatar seus momentos de dores e opressões.

Ísis, a entrevistada 01 da pesquisa, trouxe sua história de vida e suas lutas, incentivando-nos a encarar os desafios da vida cotidiana.

Eu trabalhava e não ganhava financeiramente nada, mal as coisas que eles davam, as vezes nem alimentação, nos que ia daqui do interior para cidade era só pra trabalhar e servir, a gente ficava humilhado porque a gente queria estudar para mudar de vida, mas também passamos muita humilhação, até de ladra me acusaram por ser preta e ser empregada deles.

O fato da gente sair do interior para cidade, eu com 16 anos, essa chegada na casa das pessoas, que já estão muito tempo morando na cidade, a gente não ter aquele convívio com essas pessoas, me senti logo discriminada na primeira casa que eu fui. Era como castigo servir de babá, ficar andando na rua e no sol para a criança não chorar e voltar para dentro da casa e nem todos os dias a dona da casa estava de bom humor, tinha dia que ela estava muito estressada, queria descontar em mim, e o fato de não me pagar, de não me dar nada achei isso com uma grande discriminação. Quando eu pedi pra sair, eu não recebi nada....

O fato do trabalho, muito trabalho, lavar, passar, cozinhar, cuidar de criança, o tempo que eu tinha para estudar era só de madrugada, para eu fazer uma prova levantava 4h da manhã para estudar, por que a partir das 7h da manhã, não ia ter tempo mais, até 18h da tarde que eu ia tomar banho para ir pro colégio, eu sempre estudei a noite por que eu precisava trabalhar.

(Entrevistada 01, Ísis, Estudante, 27 anos)

A nossa hipótese é que a partir da teoria feminista, sobretudo do feminismo negro, é possível reivindicar o “lugar de fala” da mulher negra quilombola, já que um dos objetivos do feminismo negro é marcar o lugar de fala de quem as propõe, percebe-se que, essa marcação torna-se necessária para se entender realidades que foram consideradas implícitas dentro da normalização hegemônica racial da sociedade brasileira.

Para bell hooks (2019), o controle sob as mulheres negras foi uma das providências principais no processo de escravização do povo negro, pois quebrar sua identidade e inferiorizá-las era extremamente importante para a manutenção das famílias brancas. Dialogamos com a autora, ao concluirmos que, na fala desta entrevistada, rompe-se o silêncio e tem-se a oportunidade de explicar

seus ideais, refletidos na compreensão sobre as violências vivenciadas diariamente, ratificando-se assim a importância do lugar de fala e da escuta e de abraçá-las.

Oxum, entrevistada 02 da pesquisa, traz seu relato de vida, marcado por violência e opressão.

Meu nome é deusa africana Ísis, tenho 37 anos, a minha vida na infância, foi muito marcante, aconteceu um ato, que até hoje é marcante na minha vida, foi quando eu tinha 18 anos, eu fui empregada doméstica em uma casa em Belém do Pará, um dia o filho da minha patroa que não vivia conosco, apareceu uma tarde para tomar banho. Sendo que neste dia ele tirou o cordão de ouro que tinha e guardou na gaveta do quarto da mãe dele sendo minha patroa. Mas ele pensava que fosse deixado no banheiro, sendo que em seguida entrei. Desde esse dia minha vida virou do avesso, ele veio me acusar, que teria roubado o cordão, nesse período estava grávida de sete meses, me empurrou e xingou com muitos palavrões, foi uma coisa horrível e me denunciou. Quando eles resolveram me levar para a delegacia, ele lembrou onde tinha guardado. Ele correu para a delegacia para retirar a denúncia. Até hoje isso me faz mal lembrar dessa cena.

(Entrevistada 02, Oxum, Servente, 37 anos)

Esta pesquisa aventura-se em uma discussão teórica e prática sobre uma breve movimentação histórica dos estudos feministas, por saber-se que as mulheres em geral viveram/vivem sendo privadas de seus direitos e liberdades, portanto, as mulheres foram e são historicamente silenciadas por diversos fatores que se interseccionam, como raça, classe, gênero, mas elas resistem e arriscam possibilidades de transgressão nos ambientes onde vivem, como na Vila de Nova América/ Oeiras do Pará. Por isso trouxemos relatos de mulheres pertencentes ao quilombo para pensar-se em formas de articulá-los, transversalizando com outros marcadores e entendendo que um marcador não é maior que outro, mas que a soma deles pode aniquilar subjetividades e identidades quando não observadas, é o que este trabalho arrisca tentar produzir.

Em suma, tal esforço de expandir o poder feminino decorre de resultados de tantas lutas e resistências que trouxeram à cena social a presença da mulher como ser político, com seus projetos de liberdade, mudanças e transformações coletivas. Nesse entremeio, propõe-se acionar mecanismos coletivos de poder e resistência de mulheres negras quilombolas em seus processos socioeducativos, a fim de narrar-se e reinventar-se como seres políticos e seus lugares de fala, relatos que culminam em sua saída da invisibilidade e potencialidades dessas falas. Mulheres negras, em geral, que viveram/vivem sendo privadas de seus direitos e liberdades, pois, como já dito anteriormente, as mulheres negras foram e são historicamente as mais silenciadas.

3.1 Alunas da EJA: a arte de narrar a própria história

Iansã, a entrevistada 03, traz uma potência e urgência em reivindicar por suas vozes, visto que, os atravessamentos pelos quais as mulheres negras precisam caminhar para serem vistas como protagonistas de suas próprias batalhas, importunam, e pensar quantas narrativas machistas tiveram de enfrentar e vivenciar para que pudessem ser vistas e ouvidas, como neste evento ocorrido na comunidade de Costeira. Pensar uma mulher negra, mãe, estudante e produtora da sua própria história, revela mais uma das grandes potências femininas que surgiram\surtem a partir das lutas dos movimentos feministas no decurso de nossa história.

As narrativas de si podem ser lidas como um trabalho atuante, convidando a refletir sobre os limites da própria existência, sobre as formas da dominação vividas por cada mulher no cotidiano da vida social e sobre o poder masculino das instituições que nos afetam incessantemente. Fortificando a experiência de liberdade nessa atividade transformadora da escrita de si mesma e explorando o entrelaçamento das experiências sociais com as vivências cotidianas em que figuram múltiplos personagens, segue o relato da entrevista 03, de 57 anos.

Eu acordo às 5:55h da manhã, faço café, dou banho na minha filha e penteio o cabelo dela, e logo após o pai leva para escola. Após o retorno nós vamos para o centro, andando, porque só tem uma bicicleta. Sou mãe de duas filhas, uma estuda pela manhã e outra à tarde, a maior vai sempre de bicicleta para nosso trabalho, enquanto nós vamos andando. Todos os dias esse mesmo percurso, chego em casa exausta do trabalho, ainda preciso varrer casa, lavar louça e fazer janta, após tudo isso, tomo banho e venho para beira da estrada esperar o ônibus para vir para escola, pois a entrada é às 19h até as 22h, volto pra casa e durmo, pois, de manhã a mesma rotina da mulher agricultora. Esses são meus desafios, do dia a dia, pois preciso trabalhar para sustentar a minha família, voltei para escola para melhorar minha aprendizagem e por novas oportunidades de trabalho, e dar uma boa educação para meus filhos, e que possa me formar e possa trabalhar no serviço mais leve.

(Estudante da EJA, Iansã, Lavradora, 57 anos)

Em meio a um cenário de privações e lutas por conquistas de lugares de fala e por direitos, insurgências e apelos ao estigma de fragilidade acentuada por conta das diversidades físicas, culturais e identitárias, a luta de outras minorias sociais pôde ser acentuada, como é o caso das mulheres surdas que, desde séculos anteriores, vêm buscando autonomia sobre sua língua, seu corpo e sua identidade. Este evento surge a partir das lacunas com o feminismo, surge, portanto, como um movimento subversivo e libertário, que não requer só espaço para a mulher nos âmbitos sociais, seja no trabalho, na vida pública e política, na educação, na economia, entre outros, mas requer luta, principalmente, por uma nova forma de convivência familiar e social, em que as mulheres tenham liberdade e autonomia para decidirem sobre sua vida, trabalho e corpo.

A aluna ainda explanou sobre a importância do estudo em sua vida: “o estudo transformou-me primeiro e agora estou contribuindo, positivamente, para melhoria de vida de outros sujeitos sociais” (Entrevistada 03), discorreu sobre a boa relação com alguns de seus colegas, professores maravilhosos, sendo um deles, a professora de Língua Portuguesa, por ensiná-la.

Dando prosseguimento à exposição das narrativas, a entrevistada 04, Ala, apresenta o seu relato.

Acordo seis da manhã, faço o café e depois faço os afazeres de casa, como: lavar roupas, varrer casa, e fazer comida, sou mãe, tenho duas filhas, sou solteira, moro na zona rural, na BR 422, Trans- Cametá e convivo com meus pais. Meu maior desafio é estudar a noite, pois é cansativo, às vezes estou exausta, mesmo assim, não penso em desistir do meu estudo, estou estudando com intuito de dar uma vida melhor para minhas filhas, tudo de bom que faço é para elas, meu sonho é ver elas bem no futuro, e estou lutando para realizar meus objetivos e meus desejos, pois tenho um sonho de ser enfermeira, minha mãe sempre diz que, nunca é tarde para se sonhar.

(Estudante da EJA, Ala, Lavradora, 37 Anos)

O que se pretende com essas discussões apontadas é estabelecer um debate sobre como a combinação das categorias sociais opressoras são utilizadas para sufocar as mulheres negras, destacando como as relações de saber-poder funcionam juntas, deslegitimando as identidades dessas mulheres. É importante atentar para o fato de que “as desigualdades são criadas pelo modo como o poder articula essas identidades; são resultantes de uma estrutura de opressão que privilegia certos grupos em detrimento de outros.” (Ribeiro, 2017, p. 33). Essa estrutura reforça as sociedades coloniais, fazendo com que essas identidades sejam a todo momento oprimidas e desqualificadas. No entanto, essas mulheres resistem, sonham e lutam diariamente por um presente e um futuro melhor para si e suas famílias.

3.1.2 Oficina “Imagens que Vazam”: Histórias Contadas por Mulheres

Nesta oficina, continuou-se o debate por meio de uma entrevista ao grupo de dança “Raízes Negras”. Oficina: Imagens que vazam: histórias contadas por mulheres. Objetivo Geral: Compreender a luta cotidiana de mulheres do grupo “raízes negras” que ocupam diversos papéis na sociedade, por meio de vozes de mulheres, bem como refletir sobre a própria condição. Território cartografado: grupo de dança “raízes negras”. Tempo aproximado para o processo: 2 meses. Caráter da apresentação: mostra cultural. Número de Participantes: 12. Público-alvo: comunidade escolar. Recursos didáticos: gravador, recurso fotográfico, caixa de som.

No primeiro momento, ouvimos Dona Lurdes Carvalho (representante do grupo de dança), sobre a vida de cada uma das mulheres presentes no grupo e o histórico de enfrentamento do grupo. Após esse momento, fizemos o diálogo com todos os componentes dançantes. Vale ressaltar que

foram realizadas perguntas, como: quando iniciou o grupo de dança? Quantas mulheres participam? Quantas músicas foram criadas? Outras perguntas norteadoras surgiram durante o decorrer do encontro.

No ecoar do encontro, outros sujeitos sociais chegaram e se sentaram em cadeiras para ouvir as narrativas que Dona Lurdes, tornando uma proporção coletiva, já que alguns chegaram para ouvir, outros para ouvir e falar. Em movimentos intrínsecos aplicou-se a delicadeza de chegar a passos lentos, sentar-se com cuidado, ouvir atento/a e falar com respeito, culturalmente forjando-se histórias. Em dado momento, todo mundo havia falado sobre si e a cotidianidade comunitária, a partir da criação do grupo “raízes negras”. Nesse espaço, discutimos sobre os movimentos do grupo, a sua criação, quais as participantes, a importância do grupo e a partir disso, narrou-se na autenticidade os relatos de outras mulheres, com um viés de cruzamentos de recordações do machismo, dor, força e luta, por meio do olhar e resistência por novas experiências de perseverança de tantas outras mulheres existentes no quilombo.

Narrar envolve compartilhar e prosear comunitariamente com essas mulheres, pode-se dizer que se trata da imersão da partilha, do acolhimento e do ouvir. As raízes da narração estão no povo (Benjamin, 1987), artesanalmente as comunidades deslumbram-se sobre histórias, que vão do conhecimento cotidiano, passando pelas esferas de cuidado, táticas de luta e territorialização. O culto da tradição oral é a “[...] possibilidade de viver um continuum, apesar de espaço e tempos históricos diferentes” (Evaristo, 2010), “é o paradigma negro diante da continuidade histórica” (Sodré, 1988). A experiência sentida a partir da dança, segundo o grupo de dança, vai além da resistência de muitas mulheres existentes no quilombo, é ecoado na fortaleza espiritual e intelectual como potência das lideranças.

A memória é o lugar de emergência da história que não foi escrita, diz Lelia González (2020), “a memória é ficcional, visto que introduz a imaginação criativa, desenvolve um espaço de fantasia do real, não é infame, é célebre, convoca a fuga do discurso moderno/colonial, traça cenas afetações e arraiga as experiências comunitárias”. Como a ideia de povo era mais forte e as suas maiores demandas eram por sobrevivência, pensava em toda uma comunidade/ Costeira que estava inserida em uma estratégia e realidade dual de narrativas. Dona Lurdes sempre pondera palavras de afirmação de si e a sua cultura, suas falas dão autoridade e orgulho a muitas mulheres quilombolas, por ecoarem o reconhecimento da negritude, a honra de sua cor, vê em si um corpo carregado de histórias e na dança um movimento de expressão, se põe como sensível e flexível, capaz de dar vida a cultura. “Estas mulheres lutam para dissipar esses discursos hegemônicos que as impactam com imagens negativas, condutas que resistem e insistem em depravá-las” (hooks, 2020). Para corroborar essa interpretação posta em realidade, Grada Kilomba (2019) assegura que:

[...] mulheres negras, por não serem nem brancas nem homens, passam a ocupar uma posição muito difícil dentro de uma sociedade patriarcal de supremacia branca. Nós representamos um tipo de ausência dupla, uma Outridade dupla, pois somos a antítese tanto da branquitude quanto da masculinidade. Nesse esquema, a mulher negra só pode ser a/o “Outra/o” e nunca o eu. (Kilomba, 2019, p. 190)

As narrações permeadas por experiências apontam dimensões de escolhas e caminhos potencializadores, permitindo avaliar situações e suas implicações territoriais, forjando-se mediante a criação, ação e sensibilidade, além de produzir configurações existenciais, possibilitando a preservação dos itinerários assumidos e o fortalecimento das posições a serem reconhecidas diante da ordem moderna/colonial – esta que busca lidar com a informação e conhecimento deslocados da experiência, enquanto o conhecimento produzido em comunidades negras constitui-se através da experiência viva. Em virtude disso, questões que saltam aos olhos e ajudem na construção deste estudo serão trazidas à reflexão.

Grada Kilomba (2010) faz uma crítica:

Escrever este livro foi de fato uma forma de transformação porque aqui, eu não sou o 'Outro', mas o eu, não o objeto, mas o sujeito, eu sou o Arte e descolonização descritivo de minha própria história, e não o descrito (...) eu me torno o narrador, e o escritor de minha própria realidade, o autor e a autoridade sobre minha própria história. Neste sentido, torno-me a oposição absoluta daquilo que o projeto colonial predeterminou. (Kilomba, 2010, p. 12)

A autora, através de narrativas pessoais e conceituais, decifra a emergência de uma consciência crítica ao racismo ontológico no pensamento ocidental, ou seja, é um texto que propõe estudar as operações discursivo-performativas do racismo, a partir de sua aplicabilidade discursiva do poder. Considera-se movimento a ação na qual o corpo se posiciona no ato anticolonial, traça o exercício de decompor o enrijecimento corporal e alimentar novas táticas de resistência.

4. PENSAMENTOS FINAIS... O CAMINHAR COM AS MULHERES NEGRAS

Os atravessamentos deste estudo me levam a escrever esta conclusão em primeira pessoa, por uma questão de desafios e aprendizados. São atravessamentos raciais, de gênero e educacionais que dizem respeito a mim e à minha orientadora e a todas as mulheres negras que fizeram parte desta pesquisa, apontando para a potência das costuras-narrativas, da circularidade entre palavra e escuta, também de uma epistemologia feminista outra. Portanto, esta escrita abordou os diversos percursos de vida de mulheres negras quilombolas, bem como seus encontros com a negritude e suas lutas.

Este foi meu primeiro encontro para o início do diálogo com mulheres, relatadas em experiências; apresentou-se a proposta do estudo e relatou-se brevemente os motivos que levaram ao estudo da temática apresentada. Durante muito tempo fiquei rasurando e apagando o que escrevia nas conclusões. Afinal, neste momento refletimos sobre as questões relevantes do trabalho e a importância dele na vida das mulheres. Antes de qualquer inspiração, escrevia e apagava, no movimento constante da incerteza, desgaste e impotência. Então, o caos novamente instaurava-se e ficava perguntando-me: o que movia meus voos?

Resolvi fazer novamente uma pausa e ir em busca de novas histórias de mulheres: ouvi minhas alunas, mulheres negras, inspiradoras e potentes, refleti sobre tudo o que dispus a fazer neste estudo e neste momento, o cansaço dominara. Então, como ter fôlego nos momentos em que até nossos sonhos parecem não ter mais sentido? Olhei tudo o que estava disposto em meu quarto de estudos: A minha escrivaninha com meus livros, as fotos das mulheres que me inspiram: mãe e avós. Na escrivaninha estavam todos os livros que trouxera para reflexão deste estudo, já era o momento de revisão! Lá estava o livro de Carolina Maria de Jesus guardado numa gaveta. Neste momento comecei a olhar as suas páginas e entre aquelas que estavam marcadas, identifiquei uma que me chamou a atenção.

[...] Está chovendo. Eu não posso catar papel. O dia que chove eu sou mendiga. Já ando mesmo trapuda e suja. Já uso o uniforme dos indigentes. E hoje é sábado. Os favelados são considerados mendigos. Quero ver como eu vou morrer. Ninguém deve alimentar a ideia de suicídio. Mas hoje em dia os que vivem até chegar a hora da morte, é um herói. Porque quem não é forte desanima. Vi uma senhora reclamar que ganhou os ossos no Frigorífico e que os ossos estavam limpos. E eu gosto tanto de carne. Fiquei nervosa ouvindo a mulher lamentar-se porque é duro a gente vir ao mundo e não poder nem comer (Carolina Maria de Jesus, 2014, p. 61).

Nesse momento fiz uma pausa e refleti sobre o tempo que estamos vivendo, as catástrofes que culminaram a morte de milhares de pessoas, entre a respiração, o olhar e a leitura, lembrava-me da história de muitas famílias e os embates que também sofri para poder manter-me firme até os dias atuais como mulher negra e quilombola. Confesso que muitas questões saltam a todo instante em minhas reflexões, pois, quando chegamos ao final de uma etapa, refletimos sobre a potência da experiência que nos moveu naquele instante, nas rodas de conversas e nos encontros. De certo e todo modo, neste momento, posso afirmar que chegamos ao final dessa jornada de vivências extraordinárias.

Pergunto-me se todas as indagações suscitadas no início deste estudo foram respondidas em algum momento, chego à conclusão de que não consigo responder a essa pergunta. Quando iniciei o estudo que aqui se apresenta, confesso que não fazia ideia da potência da experiência, das inúmeras leituras que construíram, dos caminhos trilhados, das leituras realizadas e das questões burocráticas que surgiram no caminho e que foram resolvidas. Pude ir ao encontro do conhecimento, ouvir as narrativas de vidas de muitas mulheres, ou melhor, fui potencializando as vozes de muitas, visto que esse encontro me possibilitou que fosse mais humana, potente na vida da EJA.

Nesse pulsar da poesia da vida, encontrei-me com mulheres da EJA. Conheci D. Dinailda e mais que depressa fizemos amizade. Na EJA, pude refletir sobre a vida e os embates das mulheres, por viverem em uma sociedade patriarcal. As reflexões que pude tecer e costurar neste estudo ainda são poucas, perto de tudo com o que essa temática pode nos inquietar. Nessa direção, algumas reflexões sobre os caminhos trilhados neste estudo, bem como a potência da experiência de oficinas com mulheres da EJA se fazem inquietantes, pulsantes e poéticas. Como foi exposto no decorrer deste estudo, buscou-se trazer à visibilidade acadêmica das narrativas de mulheres negras por meio de suas

escritas de si em seus processos de escolarização, vida afetiva e familiar, mundo do trabalho, configurações das lutas pelo seu lugar de fala, perante os desafios e as resistências de viver em uma sociedade patriarcal e racista.

Em tempos sombrios, é preciso resistir de forma política, poética e criativa dentro dos ambientes que convivemos. Nutri toda inspiração que movimentou minha vida, da minha avó e da minha mãe, estes motivos acirraram-me tensões, visto que ir ao encontro do conhecimento e refletir sobre a condição da mulher foram os movimentos-poéticos que encontrei em tempos sombrios. Os tempos se fazem sombrios para quem acredita na arte do encontro; do encontro com a educação que produz sentidos, narrativas, artes, músicas, experiências e (re)existências. Neste caminhar enquanto pesquisadora, penso que refletir sobre a condição da mulher, em especial a mulher negra, é de certo modo, refletir sobre a minha própria condição dentro de todos os ambientes que frequento, motivo este que mostra a tensão cotidiana e inquietante dos movimentos, da fala e do espaço de trabalho.

Quando iniciei as leituras para a feitura deste texto, não fazia ideia da amplitude desta temática. Nesses momentos de encontros e leituras, era impossível não refletir sobre a minha condição enquanto mulher negra, portanto, meu olhar foi modificando e transformando no decorrer das leituras-encontros. Tecer reflexões acerca das condições das mulheres é, de fato, um exercício de resistência, luta e ousadia, digo isso, pois, os tempos se fazem sombrios para as sonhadoras, mas não deixa de trazer consigo a potência de vozes ecoando pelo quintal do quilombo. Os sonhos fazem com que me levante todos os dias: sonhos de um mundo mais humano, mais igualitário e solidário, no qual haja respeito para com as diversidades, ademais, reconheçam as histórias, as vozes e as lutas das mulheres como legítimas. Este texto-encontro é um olhar poético-resistência, é um texto-mulher, um texto potente das lutas de muitas vozes que por muito tempo mantiveram-se silenciadas, apagadas e esquecidas. Em decorrência disso, pergunto-me, todos os dias, porque escolhi um tema de pesquisa sobre mulheres negras e muitas respostas vêm quando reflito sobre os porquês, talvez porque tenha sido antes escolhido por ele.

REFERÊNCIAS

- COLLINS, Patricia. H. Interseccionalidade. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.
- COLLINS, Patricia. H. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- ESCOSTEGUY, Ana C. D. Uma introdução aos Estudos Culturais. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n.9, dez, 1998.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edmilson de Almeida (Org.). Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 132-142.
- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos / Organização Flavia Rios, Márcia Lima. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, v. 22, n. 2, jul./dez. 1997, p. 15-46.

HOOKS, bell. *E eu não sou mulher?: mulheres negras e feminismo*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HOOKS, bell. *Olhares Negros: raça e representação*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. 199 p.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. *Afrodíaspóra*, n. 6, p. 41-49, 1985.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

Recebido em: 1 de fevereiro de 2025.

Aprovado em: 17 de junho de 2025.

DOI: <https://doi.org/10.30681/repr.v16i1.13418>

ⁱ Driellen Barroso Coutinho. Licenciada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Mestranda em Educação e Cultura (UFPA/PPGEDUC), Integrante do grupo de pesquisa ANARKHOS da Universidade Federal do Pará, Professora da rede municipal do município de Oeiras do Pará, Pará, Brasil.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3301892731707177>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3562-9579>

E-mail: driellencoutinhob@gmail.com

ⁱⁱ Gilcilene Dias da Costa. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2008), Professora Associada IV da Universidade Federal do Pará (UFPA/CUNTINS), vinculada à Faculdade de Linguagem, Docente Permanente do PPGEDUC/UFPA e do PGEDA/REDE EDUCANORTE, coordenadora do Grupo de Pesquisa Anarkhos da Universidade Federal do Pará (ANARKHOS/UFPA), Cametá, Pará, Brasil.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2934771644021042>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7156-5610>

E-mail: gilcileneufpa@gmail.com